

## Gwendolyn Brooks: poeta, romancista, esposa, mãe e professora

Maria Luiza Palhas

*O Bem se manifesta pelo simples fato de existir vida*

*Gwendolyn Brooks*

O extraordinário, para ela, era apreciar o nascer do sol e lidar com o dia-a-dia das pessoas. Como poeta e romancista, urgia escrever sobre a vida comum, porque aí residia toda a mágica. Foi essa crença que lhe abriu caminho para se tornar a primeira mulher negra a receber o Prêmio Pulitzer (1950) de poesia, pelo seu trabalho *Annie Allen*, de 1949. Escreveu também *A Street in Bronzeville (Uma Rua em Bronzeville, 1945)*, *The Bean Eaters (E Tome Feijão, 1960)*, *Selected Poems (Poemas Escolhidos, 1963)*, *In Mecca (Em Meca, 1968)* e um romance infantil, *Maud Martha (1953)*.

Consultora de poesia para a Biblioteca do Congresso Norte-Americano no biênio 1985/6, foi agraciada com mais de 50 títulos de doutora, além de incontáveis prêmios e distinções. Foi a única norte-americana a receber o Prêmio da Sociedade Literária da Universidade de Tessalônica, de Atenas, Grécia, em 1990. Como professora, uma de suas mais notáveis contribuições foi patrocinar diversos concursos de poesia, a suas próprias expensas, além de ter ministrado incontáveis oficinas em que encorajava jovens aspirantes a escrever.

A jornada – que culminou com a indicação para o National Women’s Hall of Fame, organização destinada a celebrar os feitos memoráveis de mulheres americanas bem-sucedidas – começou no dia 7 de junho de 1917 em Topeka, Kansas. Timidez, introversão, recolhimento e tenacidade foram os cadinhos em que ela forjou o auto-conhecimento e a valorização de sua raça.

Gwendolyn Brooks nutria a firme crença de que não é tentando projetar-se acima das condições de sua comunidade que se alcança a excelência artística, mas sim contribuindo para a elevação do nível social em que o grupo se encontra. Instava que cada um perscrutasse seu interior e descobrisse o bem que lá existe, sem deixar que quem quer que fosse lhe inculcasse o contrário. Bastando-se com seu talento criativo, jamais usou a cor de sua pele como desculpa ou busca de favorecimento. Ao mesmo tempo em que mostrava aos brancos quão profunda uma mulher negra pode ser, exortava os negros a se livrarem da obsessão pela raça. Construiu sua mensagem de sonho e esperança durante 83 anos: em 3 de dezembro de 2000, perdeu a batalha contra um câncer devastador. Sua grandeza, no entanto, continua ecoando através de sua obra.

## Os caminhos da tradução

Maravilhosa experiência! A poesia de Brooks se apresenta tão densa quanto bem-humorada, tão coloquial quanto sociológica, tão contemporânea quanto datada. São esses aparentes paradoxos que contagiam o leitor e envolvem o tradutor do princípio ao fim.

Escolher a palavra certa, no meu entender, é o resultado de um fundo mergulho no mar de registros e referências, conceitos e ilações, intensidades e instantâneos. E esse garimpo pode ser interminável. A cada leitura o tradutor, renovado por informações adicionais e apurado em sua sensibilidade, se dispõe a relacionar-se

com a obra como um baú do qual ainda pode tirar muitos outros guardados. E humildemente recomeça, encantado, a dialogar com o poema e a realimentar-se dele. Assim foi com os dois poemas aqui publicados, ambos extraídos do livro *The Bean Eaters* (ed. Harpers, 1960)

“The Bean Eaters” já começou provocando: de tantos títulos possíveis, eleger o de métrica o mais afinada possível com o original sem prejuízo do clima que o contexto cria, sem anunciar mais do que o necessário, sem desprezar a realeza da criação. Recriar, então, tendo em mente as particularidades da língua de chegada, o peso que cada vocábulo tem nela, a justa correlação de forças entre o lá e o cá: “Dieta Rala?” Péssimo! “Dieta Escassa?” Sim, talvez. E por que não “Feijão, Feijão?” Ai, aquela música, vai parecer colagem de mau gosto. Cuidado também com o valor do feijão na mesa do brasileiro. Então, os “comedores de feijão”, migalhas possíveis àqueles bolsos ralos, vira “E Tome Feijão”, referência à repetição do pauperismo.

“We Real Cool”, um retrato ao mesmo tempo cáustico e hilariante, não podia perder a força anunciativa nem fechar o caminho aos desdobramentos que o título permite: “A Gente é Jóia” foi a primeira opção, mas precisava cuidar das equivalências métrica e rítmica, do ritmo, e a opção foi perdendo força. Fiquei com “Tamos numa Boa”, que favoreceu o desenvolvimento da composição. Agruras também quanto ao sentido, para evitar o pecado da adivinhação – muita pesquisa até chegar ao material o mais consistente, investigativo e didático possível para então privilegiar determinada acepção, e partir dela para a recriação do todo.

## **The Bean Eaters**

They eat beans mostly, this old yellow pair.  
Dinner is a casual affair.  
Plain chipware on a plain and creaking wood,  
Tin flatware.  
Two who are Mostly Good.  
Two who have lived their day,  
But keep on putting on their clothes  
And putting things away.  
And remembering...  
Remembering, with twinklings and twinges,  
As they lean over the beans in their rented back room that  
is full of beads and receipts and dolls and cloths,  
tobacco crumbs, vases and fringes.

## **E Tome Feijão**

Quase sempre feijão, pr'esse casal macilento.  
Jantar só quando sopra o vento.  
Reles migalhas em tábua rangente.  
Talher cinzento.  
Dois que são Boa Gente.  
Dois que tiveram sua hora,  
Teimam em usar as mesmas roupas  
Sem jogar as coisas fora.

E em recordar..  
Entre suspiros e lamentos,  
Curvos sobre os feijões no quarto de aluguel barato  
cheio de terços notas bonecas tecidos,  
bitucas, vasos e aviamentos.

### **We real cool**

THE POOL PLAYERS.  
*SEVEN AT THE GOLDEN SHOVEL.*

We real cool. We  
Left school. We

Lurk late. We  
Strike straight. We

Sing sin. We  
Thin gin. We

Jazz June. We  
Die soon.

Maria Luiza Palhas, *Gwendolyn Brooks: poeta, romancista, esposa, mãe e professora*

## **Tamos numa boa**

OS JOGADORES DE BILHAR.  
SETE, NO "ÁRVORE DE DINHEIRO".

Tamos numa boa. A gente  
Saiu da escola à toa. A gente  
Zoa até tarde. A gente  
Briga com alarde. A gente

É mesmo assim. A gente  
Enxuga o gim. A gente

Dorme nos rego. A gente  
Apaga cedo.